

O ESTUDANTE DE PSICOLOGIA FRENTE À SUBJETIVIDADE

LINS, Natalia Alves de (Psicologia\Unibrasil)¹

Orientador: RANZI, Caetano Fischer (Psicologia\Unibrasil)

RESUMO: O presente artigo discorre sobre as experiências e a maneira como o aluno de psicologia se comporta frente aos primeiros conflitos que existem, em relação a sua subjetividade e aos aspectos do seu inconsciente, decorrentes das experiências que o curso proporciona. O objetivo do estudo é analisar como o aluno se comporta diante da sua subjetividade e o medo que ele possui perante os seus conteúdos inconscientes, que por meio de projeções, irradiam para o mundo a qual somos cercados. A metodologia empregada foi a utilização de referências bibliográficas e questionário semi-estruturado. Carl Gustav Jung e a abordagem Analítica, foram o alicerce e o apoio utilizado durante todo o desenvolvimento do trabalho. Os conceitos de Jung serviram como base para a realização das perguntas utilizados em entrevista, assim como, a visão de outros autores, para construção do desenvolvimento do artigo. O estabelecimento dos arquétipos, da sombra, do Si-mesmo, do inconsciente coletivo, e da individuação, foram comumente mencionados, visto que o aluno de psicologia reconhece, primeiramente a sua sombra, quando confrontado por meio do curso; é convidado a conhecer o Si-mesmo e atraído para um processo que estará em constante movimento, a individuação. Os dados obtidos durante os procedimentos, denotam que o sujeito que está cursando Psicologia, sente-se conturbado com as propostas que o curso lhe fornece, em razão deste ser, além de educativo, um instigador dos processos existentes dentro dos sujeitos que estão a aprender. Todavia, este mesmo curso, lhes proporciona vivacidade e renovação, por meio dos conflitos que passam a conviver consigo mesmos.

PALAVRAS-CHAVE: subjetividade, medo, inconsciente, analítica.

Cursar psicologia, para muitos, é motivado especialmente pelo anseio de autoconhecimento. Descreve Magalhães² que muitos calouros de psicologia vêem a mente humana como algo misterioso e ao mesmo tempo fascinante, e que seu conhecimento parece estar distante das suas mãos. No entanto, o curso apresenta

¹ Acadêmica do curso de Psicologia do Centro Universitário Autônomo do Brasil – Unibrasil. Email: natalia11.lins@hotmail.com

² MAGALHÃES, Mauro de Oliveira; STRALIOTTO, Márcia; KELLER, Márcia; GOMES, William Barbosa. "Eu quero ajudar as pessoas: A escolha vocacional da psicologia". **Psicologia Ciência e Profissão**, CFP - Brasília - DF, v. 21, n. 2, p. 10-27, 2001.

ser a única maneira de poder entender o contexto social ao qual vivem, suas escolhas e uma forma de conhecer a si próprio, para adiante entender o próximo.

Apesar disso, alguns alunos chegam ao curso não sendo este o motivo, mas acabam sendo atraídos e levados a esta experiência, a este marco, sem a menor pretensão.

Conhecer a si mesmo é uma das tarefas da vida mais difícil, a qual requer coragem. Como Jung nos diz em *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*³ em §31:

O encontro consigo mesmo pertence às coisas desagradáveis que evitamos, enquanto pudermos projetar o negativo a nossa volta. Se formos capazes de ver nossa própria sombra, e suportá-la, sabendo que existe, só teríamos resolvido uma pequena parte do problema.

Imagine um estudante de psicologia, no primeiro ano do curso, de alguma forma surpreso. Este acreditaria que psicologia trataria somente sobre neuropsicologia, ou que poderia entender todos os indivíduos com base nos seus comportamentos ou ainda, que solucionaria todos os problemas de forma muito objetiva. A psicologia é algo maior que isto, ela lida com os aspectos sombrios, com a alma doentia, com o enfermo e com o iluminado.

Jung (2000) nos fala do medo característico que o homem tem do outro lado, do sombrio, do subjetivo. O mesmo medo que a criança tem do mundo amplo e desconhecido, é o medo do homem diante de si-mesmo, da sua imensidão e desconhecimento. O “outro lado” consegue abalar nossa ideia de objetividade, nossa concepção racional do mundo, e a nossa certeza depositada nas verdades comprovadas faz-nos ter a concepção de quão fértil o lado inexplorado é.

Nos pressupostos de Jung (2000) há duas camadas do inconsciente. A primeira o inconsciente pessoal, que consiste em elementos adquiridos ao longo da vida, junto com elementos que podem ser conscientes. A segunda camada seria a psique coletiva, construída de potencialidades herdadas, conhecida atualmente como inconsciente coletivo. Este último seria formado por arquétipos, visto como potencialidades que emergem do inconsciente para o consciente todo o tempo de forma projetiva. (WITHMONT, 1969).

³ JUNG, C. G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. 2 ed, Petropolis RJ, Vozes, 2000.

A persona, um arquétipo, é o sistema de relação entre o indivíduo e a sociedade, é uma espécie de máscara que por um lado produz um efeito de reconhecimento aos outros e por outro lado oculta a verdadeira natureza do ser, o si-mesmo, a sombra. (JUNG, 2000)

Como complexo e símbolo, o sujeito participa da construção da persona, pois lhe confere subsídio para envolvimento humano. Mesmo assim, a verdadeira individualidade não deixa de estar sempre presente, manifestando-se de forma indireta, projetando-se em vista dos seus complexos, como a sombra.

A metáfora da sombra refere-se a parte da personalidade que foi reprimida e consiste nos comportamentos e impulsos que não possuem um lugar no meio externo, simplesmente porque não são socialmente aceitáveis, ou apenas porque não sabemos lidar com eles. Como a sombra é projetada, não conseguimos diferenciar o que é da outra pessoa e o que é nosso. Não somos capazes de ver onde começamos e onde o outro termina. Embora não consigamos fazer essa diferenciação, podemos recusar aceitá-la; essa forma seria de interação patológica, porque se não aceitamos que a possuímos, então ela nos possui; ou podemos vivenciá-la de modo construtivo, como parte do nosso ser (WITHMONT, 1969). A sombra é viva e quer estar presente de alguma forma e o “ego instintivamente oferece grande resistência ao confronto com a sombra, o ego muitas vezes reage com uma tentativa de eliminá-la, mas a sombra possui energia autônoma, portanto, é impossível.” (WITHMONT, 1969. p. 149)

Jung (2000) discorre que o lado sombrio do homem possui uma dinâmica demoníaca, visto como terrível, de modo que não é caracterizado apenas como pequenas fraquezas e defeitos. Parece impossível que o homem reconheça isso. Entretanto, se rejeitamos essas determinadas sombras, elas podem transformar-se em um monstro delirante e grandioso. Basta recusarmos a reconhecê-los, que seremos então uma pequena célula perante este monstro, que projeta de seu corpo, o tempo todo, para o mundo externo.

Uma vez que a natureza humana não é constituída apenas de pura luz, mas também de muita sombra, as revelações obtidas pela análise prática são às vezes penosas e tanto mais penosas (como é geralmente o caso) quanto mais se negligenciou, antes, o lado oposto (JUNG, 1978, p. 16 *apud* AGOSTINHO, 2006, p 37).

Withmont (1969) descreve que Jung estabeleceu a ideia hipotética do Si-mesmo como o centro e como o conteúdo da personalidade como um todo, cujo expoente real no consciente é o ego. Nesse sentido, o Si-mesmo seria uma grandeza que tem para ele o ego. O Si-mesmo é um conceito que faz referência à inserção da totalidade potencial na psique, por sua vez, define a existência dessa totalidade como um plano do universo. Desse modo, é possível também traduzir individuação como 'tornar-se si-mesmo' ou 'o realizar do si-mesmo'. A meta da individuação é a realização do si-mesmo (JUNG, 2000). Uma vez que a sombra apresenta o lado obscuro do inconsciente, ela representa o primeiro estágio para encontrar o Si-mesmo.

Voltando agora ao problema da individuação, sentimo-nos diante de uma tarefa invulgar: a psique é constituída de duas metades incongruentes que, juntas, deveriam formar um todo. (...) Consciência e inconsciente não constituem uma totalidade, quando um é reprimido e prejudicado pelo outro. Se eles têm de combater-se, que se trate pelo menos de um combate honesto, com o mesmo direito de ambos os lados. Ambos são aspectos da vida. A consciência deveria defender sua razão e suas possibilidades de autoproteção, e a vida caótica do inconsciente também deveria ter a possibilidade de seguir o seu caminho, na medida em que o suportamos. Isto significa combate aberto e colaboração aberta ao mesmo tempo. Assim deveria ser evidentemente a vida humana. É o velho jogo do martelo e da bigorna. O ferro que padece entre ambos é forjado num todo indestrutível, isto é, num individuum. É aproximadamente a isso que denomino "processo de individuação". Como o nome sugere, trata-se de um processo ou percurso de desenvolvimento produzido pelo conflito de duas realidades anímicas fundamentais (JUNG, 2000, p. 280, 281).

O objetivo da individuação não é outro senão o de despojar o si-mesmo dos invólucros falsos da persona e entregar-se a sua totalidade, deixando seus complexos virem a tona e trabalhar com eles. Dessa forma, considera-se a persona como correspondente ao papel social que pré-estabelece para os sujeitos uma função para eles fazerem parte dessa formação social e uma forma de comunicação. A partir do momento que o aluno tira sua máscara, a persona, e deixa descobrir-se, ele parte então para a sua caminhada em busca do seu Si-mesmo.

"Quando a sombra é reconhecida, é fonte de renovação" (WITHMONT, 1969, p. 145). Dessa forma, a busca para encontrar o Si-mesmo, é o caminho da individuação, na qual o indivíduo busca por conhecimento, novos estímulos, novas experiências interiores, ou seja, a busca pela autossuperação ou pela "completação" no sentido de aceitar os nossos opostos, nossas fraquezas e forças. (MARCONDES, 2009)

Agostinho (2006) caracteriza que o desenvolvimento do homem na individuação está relacionado com a integração da sombra como parte do todo. O encontro com a sombra é como se fosse o encontro consigo mesmo. De fato, aquele que olha através do espelho da água vê em primeiro lugar sua própria imagem, mas vê também a sua sombra (Jung, 2000). Assim, para aquele que tem o primeiro contato com os aspectos sombrios do ser e é convidado a vivenciar experiências que marcam este confronto, olhar através do espelho da água e ver sua própria imagem torna-se algo assustador e repugnante.

De acordo com Agostinho (2006) essa integração poderá acontecer de forma dialética do ponto de vista terapêutico e no encontro com a sombra poderá obter nova forma de energia que proporcionará um sentido de vida mais completo.

O confronto do estudante de psicologia diante do novo, daquilo que não se imaginava ser, é visto pelos mesmos como uma forma de enfrentamento, como a voz que chama para o encontro daquilo que é obscuro, no entanto, atrai para ser fonte de renovação.

Jung conta em *Os arquétipos e o inconsciente Coletivo* um sonho que um teólogo tinha frequentemente:

Ele encontra-se numa encosta ao pé da qual há um vale profundo e, neste, um lago escuro. No sonho ele sabe que algo sempre o impede de aproximar-se do lago. Mas agora decide ir até a água. Ao aproximar-se da margem tudo fica mais escuro e lúgubre e uma rajada de vento passa subitamente sobre a água. Entra em pânico e acorda. (JUNG, 2000, p. 27)

Jung ponderou que tal sonho evidencia o aspecto positivo (vivificador) da sombra. O sonhador desce à sua própria profundidade e isto o leva à água misteriosa, como no tanque de Betesda⁴, onde um anjo desce e toca a água que toma um poder de cura. Temos que percorrer o caminho da água, que sempre tende a descer, se quisermos resgatar o tesouro. (JUNG, 2000).

O presente artigo se fundamentou a partir de entrevistas semiestruturadas, realizadas individualmente, em locais de preferência dos entrevistados. Estes foram João (19 anos), Maria (20 anos), Caio (19 anos) e Juliana (25 anos). Todos são

⁴ Bíblia Sagrada, João 5:4

representados por nomes fictícios e todas as entrevistas foram gravadas, transcritas e contratos de sigilo foram selados entre as partes.

Questionou-se, primeiramente, se estavam gostando do curso e todos afirmaram prontamente que sim, usando por três deles, o advérbio de intensidade, “muito”.

Quando questionado, como se sentiam cursando psicologia. João verbalizou “me sinto bem e mal, ao mesmo tempo”. Este relatou que o curso o ajudou a conhecer os seus problemas e perceber que eles estão caminhando consigo, no entanto, ainda não encontrou uma maneira de lidar com eles. Maria afirmou “estou me conhecendo [...] e me reconhecendo”. Caio e Juliana revelaram que o curso está sendo uma experiência positiva, em vista das oportunidades profissionais e do crescimento intelectual que estão obtendo.

Neste período de descobrimento de si, comumente o indivíduo de encontra diante de situações a qual não imaginava estar, e se vê em uma dicotomia, na qual a experiência lhe é agradável, porém, mexe com seus atributos pessoais, que, por vezes, são dolorosos.

João comunicou que conhecer o outro é também se conhecer, expressou “eu achava que me conhecia, pelo menos”, quando perguntado a ele, se acreditava que o curso poderia ajudar o aluno a conhecer-se melhor. Estar no curso, e continuar nele, descobrindo-se, demonstra o anseio do aluno, na busca da individuação. Marcondes (2009), referiu que esta procura ao Si-mesmo, traz consigo o acompanhamento de novos acontecimentos interiores, e o autoconhecimento se inclui nesse aspecto.

Juliana informou que quando o sujeito entra no curso, este se depara com vários questionamentos e perguntas sobre si, que ainda desconhece as respostas, mas que ao longo do período, essas indagações podem auxiliá-lo na sua própria construção. Maria completou, sobre o aluno se conhecer no curso, “Com certeza, sou a prova viva disso”.

Quando há a concepção de que o lado obscuro do inconsciente, a sombra, está viva e ativa, por meio de questionamentos referentes a si, como no caso dos

alunos, ocorre que estes estão dando seus primeiros passos ao encontro da totalidade humana.

A sombra é visto como parte inferior da personalidade, e por isto, é reprimida, devido a uma intensa resistência. Mas o que é reprimido, enquanto está reprimido, ganha força e busca cada vez mais lugar para expressar-se e tornar-se consciente para se produza dinâmica entre o consciente e o inconsciente, como no caso de João, na qual sua atitude, projetada, buscou lugar no meio externo. Jung revela que:

“a consciência está em cima, digamos assim, e a sombra embaixo, e como o que está em cima sempre tende para baixo, e o quente para o frio, assim todo consciente procura, talvez sem perceber, o seu oposto inconsciente, sem o qual está condenado à estagnação, à obstrução ou à petrificação. É no oposto que se acende a chama da vida.” (JUNG, 2000, p. 49).

Jung diz em *A natureza da Psiquê* (1908) que:

“A Psicologia culmina necessariamente no processo de desenvolvimento que é peculiar à psique e consiste na integração dos conteúdos capazes de se tornarem conscientes. Isto significa que o ser humano psíquico se torna um todo, e este fato traz consequências notáveis para a consciência do ego, que são extremamente difíceis de descrever.” (JUNG, 1980. P. 82)

Quando as partes inconscientes da personalidade se tornam luz, causa-se não só uma assimilação delas à personalidade do ego, anteriormente existente, como, sobretudo uma modificação desta última. O grande enigma está justamente em descrever o modo como se dá esta transformação.

A sombra é o primeiro degrau na descida ao inconsciente. Nenhuma conversa com o outro interno é concluído sem o confronto com os aspectos sombrios não aceitos em nós e por isso reprimidos e/ou projetados. A sombra, uma manifestação arquetípica, é a personificação do outro, interno a nós mesmos, e uma dentre as múltiplas formas possíveis de manifestação do inconsciente, que pode aparecer também como questionamentos referentes a si e sua existência.

Indagou-se a eles, se já haviam tido alguma experiência de autoconhecimento que os marcou e se sim, qual. João comunicou que tentou se suicidar, quando mais novo, e teve outra experiência, de autoconhecimento, que não se sentia apto para compartilhar, mas que estas lhe trouxeram reflexões sobre si. Afirmou “foi chocante”.

Jung apresentou que aquele que pretende ver, primeiramente, sua própria imagem, também se disponibiliza a ver a sua sombra. Em alguns casos, descobrir

que uma das soluções a qual utilizou para dar fim a algumas situações foi a morte, pode ser conflituoso, porque, em muitas vezes, ver o Si-mesmo é algo do qual não consegue lidar, e necessita-se de uma fuga.

Caracteriza Alvarenga (2011, citado por Magalhães et al, 2010) o sofrimento do sujeito se torna insuportável, quando este está alheio a sua própria identidade. E, o suicídio é visto como uma saída para as situações da qual não se sente capaz de tecer. Mas, pode ser suportável quando elaborado, e integrado à totalidade do indivíduo.

Juliana revelou que está com uma enfermidade, sendo que o curso a ajudou a lidar com o incômodo e a aceitação da mesma. Expôs que fez um projeto de pesquisa na instituição em que estuda, referente a doenças incuráveis, tendo isto lhe proporcionado grande autoconhecimento, visto que inconsciente se aproximou de um tema que a acompanhou e a Psicologia lhe auxiliou neste período.

O curso de Psicologia, não só, tem a potencialidade de manifestar o bem-estar, é também capaz de ensinar, questões que o estudante consideram precisar ser trabalhadas. Juliana, por exemplo, contou com a assistência, involuntária, dos trâmites do ensino, e vivenciou uma aproximação com o tema “doença”, o qual, de acordo com ela, também a ajudará em seu futuro profissional. Apontando um ciclo de transformação de aspectos subjetivos através de estudo objetivos, que, por sua vez, são reinterpretados por tal subjetividade transformada.

João informou que durante o curso de psicologia, vivencia confrontos com os aspectos de sua subjetividade, aludindo que antes sabia “quem era”, no entanto, estudando psicologia percebeu quem “deseja ser”. Verbalizou “ela está me ajudando a chegar naquele lugar que eu quero, deixar de ser quem eu sou, pra ser aquilo que eu quero”.

João confirma o que já discutimos. Ver, inicialmente, seus aspectos sombrios e ter de lidar com eles, leva-o ao Si-mesmo. Pois, é necessário integrar-los a si, para após, dirigir-se a busca de uma metáfora da essência natural, a busca da sua totalidade.

Caio apresentou que vivenciou muitos confrontos com a sua subjetividade, referindo-se aos princípios cristãos e a Psicologia. Contou que está no segundo período do ensino, tendo passado por dificuldades no aprendizado, por entender que muitos conceitos do curso vão contra seus princípios religiosos. Pronunciou “ficou muito pesado para mim”, e que saiu do curso após o primeiro semestre, pois viu na retirada, uma forma de compreender como poderia dar prosseguimento ao desejo de ser psicólogo.

De acordo com Caio, entender que sua fé e seus princípios religiosos fazem parte de si, no entanto, saber diferenciá-los dos planos do curso, é uma tarefa árdua e complicada. Há, então, um embate, daquilo que és há alguns anos, e o psicólogo sem preconceitos, que entende-se necessário ser.

Juliana descreveu que está passando por conflitos, ao longo do curso, referindo-se sobre as características de sua personalidade. Disse “foi realmente um confronto, porque você não quer aceitar e você começa a pensar: eu não sou assim!”.

É comum, quando há o reconhecimento de sua sombra, negar sua existência e desejar que este não seja integrado a si. Conhecer-se é algo amedrontador, assustador.

Foi questionado a João, se estes confrontos lhe dão medo, ou o assusta. Declarou ele que conhecer-se lhe assustou muito, relacionando à tentativa de suicídio, pois descobriu mais de si. Expressou “medo, não sei se é a palavra certa, mas desespero”. Os outros três entrevistados afirmaram positivamente a pergunta: em relação aos confrontos, estes te assustam? Te dão medo?.

Juliana comentou que levou um choque inicial, quando descobriu mais de si no curso, através de matérias, e logo puniu-se, afirmando para si que não poderia ser da forma que és. Mas, posteriormente, admitiu que teria de aceitar-se e trabalhar nas questões em que não consegue lidar.

Maria evidenciou que sempre anseia conhecer mais de si. Falou “mas quando a gente descobre, machuca”. Referindo-se a forma de enfrentamento que vivencia de

si mesma. Explicou que a terapia tem grande importância para si, pois a ajuda a lidar com os confrontos que experimenta.

João, por sua vez, esclareceu que não está apto para lidar com o que o incomoda, explicitando “enquanto isso deixo eles me atormentando”.

Caio disse que sair do curso em um momento de crise, foi a maneira que encontrou para trabalhar com os conflitos que estava vivendo. Juliana mencionou que a meditação é sua aliada, assim como, o curso, que além de elaborar conflitos internos, oferece a maneira como trabalhar neles.

Perguntou-se a eles, se estas experiências remetiam-os a uma renovação, uma vivificação para sua vida. Caio explicou que foi muito difícil para ele, sendo necessário passar por muitas barreiras, sentindo-se um vencedor. Completando “quando você supera algo, você é um vencedor naquilo que está superando”.

Juliana explicitou que os confrontos são como renovações a si, pois a faz refletir, a pensar como agir e a trabalhar nos aspectos da sua personalidade dos quais vive um conflito.

Este último depoimento revela que, para que haja um sentimento de renovação e completude perante si, é necessário entrar em conflito com a dinâmica da sua própria sombra e trabalhar para reintegrá-la como significante na construção da sua identidade. Aquele que, por muitas vezes em meio a conflitos, é atraído a conviver com eles, aprende a superá-los e a vivê-los, podendo mesmo, ser de forma harmoniosa.

O chamado daquilo que é obscuro em si, evidencia um trabalho específico e delicado consigo próprio, que por fim, proporciona aprendizado e valorização.

Durante todos os procedimentos, senti-me incluída nos relatos dos entrevistados, sedo eu também uma estudante de Psicologia, visto que, embora os conflitos vividos sejam diferentes, a essência destes é a mesma. Conhecer e reconhecer a si é ver a sua sombra, assim como, é assustar-se com o que és. No entanto, entender que estes aspectos subjetivos de si são construtivos e podem ser elaborados é vivificador!

Os estudantes de psicologia entrevistados neste trabalho, pertencentes do segundo ao quarto semestre, sentem-se confrontados com acontecimentos relacionados a si, e a partir destes, começam a descobrir como ocorreu sua construção do “eu” e como ela pode proceder para contextualizar suas contradições. O ensino da Psicologia manifesta ser a eles, uma forma de entender e compreender o próximo e, conseqüentemente a si.

Os entrevistados, assim como a entrevistadora, foram levados a vivenciar experiências decorrentes ao longo do curso e de como ele instigou e mexeu com os aspectos da subjetividade do aluno, mesmo, muitas vezes, não sendo este o objetivo educacional.

Os conceitos da Psicologia Analítica, como o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo, sendo este último, formado por arquétipos, que a todo tempo emergem para o consciente, através das projeções, foram vistos como embasamento para o arquétipo que mais falamos durante o presente artigo, a Sombra.

A sombra é algo que não aceitamos ou com o que não sabemos lidar, no entanto, ela é viva e autônoma. O medo do sombrio e da sua imensidão, é algo assustador. O lado de si, menos explorado, quando reconhecido conscientemente, se apresenta como vivo e autônomo.

Cogitar a potencialidade de um Si-mesmo, é caminhar em direção a ele. O reconhecimento da sombra auxilia neste processo, que é contínuo e difícil.

As entrevistas demonstraram que dois dos quatro entrevistados, após efetivar a entrevista, falaram sobre situações da vida a qual estavam vivenciando, que, no momento, não estavam aptos para compartilhar, por, talvez, não saberem como trabalhar com o assunto.

Notou-se também, a morte como um confronto, todavia, uma renovação. Pois este que o tentou, pôde manejar reflexões a si, e elaborar-se mais, a partir desta tentativa. Em um sentido amplo, os outros entrevistados ao se depararem com uma subjetividade sombria, também relataram um renascimento e, conseqüentemente, a morte do que acreditavam ser.

Referências:

AGOSTINHO, Márcio R. O arquétipo do sagrado, a religião e o sentido da vida em Carl Gustav Jung. Disponível em: <http://tede.mackenzie.com.br/tde_arquivos/3/TDE-2007-04-08T102544Z-132/Publico/Marcio%20Roberto%20Agostinho.pdf> . Acessado em: 02/06/2015.

JUNG, CARL G. A natureza da psique. 2. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

_____. Psicologia do Inconsciente. Petrópolis, RJ: Vozes, 1980.

_____. Os arquétipos e o inconsciente coletivo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MAGALHÃES, Mauro de Oliveira; STRALIOTTO, Márcia; KELLER, Márcia; GOMES, William Barbosa. "Eu quero ajudar as pessoas: A escolha vocacional da psicologia". **Psicologia Ciência e Profissão**, CFP - Brasília - DF, v. 21, n. 2, p. 10-27, 2001.

MARCONDES, Kathy A. Introdução à Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung. Disponível em: < <http://www.portas.ufes.br/sites/www.portas.ufes.br/files/Jung.pdf> > . Acesso em: 20/05/2015.

WITHMONT, Edward C. **A Busca do símbolo**: conceitos básicos de psicologia analítica. São Paulo: Cultrix, 1969.